

#1 - 2018

PEL
OTA

ISLÂNDIA:

FUTEBOL NA
TERRA DO GELO

| ATLANTA DE VILA CRESPO | O OUTRO FUTEBOL INGLÊS |
FUTEBOL BRASILEIRO NO CINEMA | CRUZEIRO X INTER NA LIBERTADORES/76

APERTEM OS CINTOS...

Aqui começa nossa viagem por territórios distantes e momentos perdidos em arquibancadas de concreto de algum domingo do passado. Onde uma bola estiver rolando, Pelota estará lá para entender um pouco mais desse estilo de vida chamado FUTEBOL!

Se para você esse esporte vai muito além das notícias sobre transferências de jogadores e resultados das partidas de ontem, então reserve seu assento e embarque com a gente. Afinal de contas, muita coisa acontece em torno do futebol, e muitas memórias são acessadas por gols, vitórias e derrotas, ou apenas pelo simples cheiro da grama com uma garoa fria de julho.

EDITORIAL

Esta primeira edição parte para o extremo norte do planeta! Em nossa reportagem de capa, vamos até à Islândia. A partir da terra do gelo começamos nossa jornada, analisando o percurso que levou a seleção local para a Copa do Mundo da Rússia. Na sequência, seguimos para o outro extremo do globo e vamos parar em Villa Crespo, na cidade de Buenos Aires, para conhecermos o clube do bairro, o Atlanta.

Saindo da "calles" portenhas, aterrissamos na Inglaterra para conhecer, por meio das palavras de Sam Hardwicke, o "non-league football". Assim é chamado o futebol das divisões inferiores inglesas, formado por ambientes que resgatam o sentido de comunidade em torno de equipes que desfilam toda semana por centenas de campos espalhados pelo país.

Para embalar os momentos entre uma partida e outra da Copa do Mundo, a jornalista Lu Castro preparou uma seleção de filmes e documentários brasileiros sobre futebol. Diversão garantida!

Para quem gosta de tática, Lucas Castro entra em campo, fechando nossa primeira jornada e estreando o seu "Sistema de Jogo". Nesta edição de Pelota, ele analisa um dos maiores duelos entre equipes brasileiras na história da Libertadores: Cruzeiro 5 x 4 Internacional, pelo torneio continental de 1976.

Contamos ainda com as fotografias do inglês JJ Waller e do brasileiro Ricardo Calabro que, através de suas lentes, nos trazem as cores e a intensidade do "non-league football" britânico e das ruas e muros de Villa Crespo.



FUTEBOL NA TERRA DO GELO

QUANDO FALAMOS SOBRE A ISLÂNDIA, TEMAS COMO GÊISERES (PALAVRA, INCLUSIVE, DE ORIGEM ISLANDESA), AURORA BOREAL E ARTISTAS COMO SIGUR RÓS, BJORK E MÚM SEMPRE SÃO LEMBRADOS. ESSE CENÁRIO MUDOU, PORÉM, COM O SUCESSO DA SELEÇÃO DO PAÍS NA EUROCOPA DE 2016, DISPUTADA NA FRANÇA.

Para entender a boa fase do futebol islandês e o percurso de um país de aproximadamente 335 mil habitantes rumo à sua primeira Copa do Mundo, alguns dados podem nos ajudar.



CAMPOS DE FUTEBOL

Para que qualquer nação do mundo consiga construir um projeto que atinja uma vaga no mundial de futebol é preciso, obviamente, que sua população pratique o esporte. No caso de um país com uma população pequena, como a Islândia, essa necessidade se torna ainda maior.

Desde o ano 2000, campos de futebol são construídos em grande quantidade por lá. Um antigo problema na terra do gelo para a prática constante do esporte são as baixas temperaturas no inverno. Por isso, campos com aquecimento subterrâneo e boa iluminação foram preparados. No total, existem hoje 179 campos de futebol com medidas oficiais, o que dá uma média de 1,8 mil habitantes para cada campo. Se contabilizados apenas os jogadores registrados, 23 mil no total, esse número é ainda mais expressivo, um campo para cada 128 atletas.



Outro avanço na estrutura do futebol islandês foi a construção de campos com menores dimensões perto de escolas. Assim, as crianças podiam passar a jogar com frequência, apenas por diversão, e dessa forma se identificar com o esporte.

Conversamos com Ómar Smáráson, responsável pela comunicação e marketing da Associação Islandesa de Futebol, sobre as transformações que esses avanços estruturais causaram na relação entre futebol e a população local. Segundo ele, a principal mudança é que, agora, com campos protegidos do clima difícil, é possível as pessoas praticarem futebol o ano todo.



“Antigamente, a maioria das crianças preferia outros esportes durante o inverno, como, por exemplo, handebol ou basquete. O futebol era praticado apenas no curto verão. Atualmente, a possibilidade de jogar futebol em boas condições o ano inteiro transformou a relação das pessoas com o esporte”, observa Ómar.

Com mais gente praticando, é de se esperar que um número cada vez maior de jogadores tecnicamente desenvolvidos passasse a aparecer. Mas quem transmitiria noções técnicas e táticas para equipes formadas a partir dessa nova geração de praticantes de futebol?

É aí que entra uma planejada preparação de treinadores. Ao analisar a estrutura dos clubes do país, profissionais ou amadores, é fácil identificar a grande quantidade de técnicos bem preparados e que já entram em contato com os pequenos jogadores de 5 ou 6 anos de idade. A UEFA possui três categorias de treinadores registrados na entidade (Pro, A e B). Dentro dessas especificações, a Islândia possui 669 profissionais com a licença B, 240 com a licença A e 17 treinadores com a categoria Pro, a máxima da entidade.

Sobre a questão da preocupação em formar bons técnicos, Smáráson aponta que ter construído a estrutura para o futebol é importante, mas isso por si só não produz bons jogadores. “Nós temos um número alto de treinadores preparados e as pessoas que estão procurando os cursos de formação são relativamente jovens. Então, o número de treinadores continuará crescendo. Dessa forma, quando os pais mandam seus filhos para o futebol, sejam garotas ou garotos, eles saberão que as crianças estarão nas mãos de pessoas que sabem o que estão fazendo desde o primeiro treino que participarem. Isso é crucial para seguirmos desenvolvendo o esporte”, analisa Smáráson.

UMA POPULAÇÃO JOGANDO FUTEBOL

Entre construir campos, formar treinadores e chegar a uma Copa do Mundo, naturalmente existe uma grande distância. Embora esses fatores estejam entre os principais para tamanho sucesso, é esperado que a seguinte questão surja: como preparar 23 atletas de alto nível para a primeira participação do país em uma Copa do Mundo?

A resposta dessa pergunta nos traz mais alguns números surpreendentes. Dos 335 mil habitantes, 33 mil jogam futebol regularmente. Desses 33 mil, 23 mil (15 mil homens e 8 mil mulheres) são registrados em algum clube filiado à Associação de Futebol Islandesa.

Mas olhando esses números através de uma lupa, tendo em perspectiva a vaga para o mundial, chegamos a uma constatação que nos ajuda a dimensionar o tamanho da conquista. Dos 15 mil atletas masculinos registrados, apenas 3 mil são adultos. Desses, 100 são de fato profissionais, ou seja, que dedicam sua vida a jogar futebol e disso tiram seu sustento.

Ou seja, de 100 profissionais, a Islândia reuniu um elenco de 23 atletas, sendo 11 titulares, para estar entre as oito melhores da última Eurocopa e chegar em sua primeira Copa do Mundo. Ufa! Que façanha!

De acordo com argumentos apresentados por Vidar Halldórsson, sociólogo da Universidade da Islândia, a forte relação de proximidade e amizade entre os atletas de alto nível do país, que desde que se tornam profissionais passam grande parte de suas vidas juntos, devido ao baixo número de atletas profissionais, está entre os fatores que, ao lado do imenso apoio da população local, fortemente identificada com a seleção, explicam o sucesso do esporte no país.



335mil
HABITANTES



33mil
JOGAM FUTEBOL



23mil
REGISTRADOS
EM ALGUM
CLUBE/ASSOCIAÇÃO



8mil



15mil



100
ATLETAS
PROFISSIONAIS



23
ESTARÃO
NA COPA

COPA DO MUNDO

A equipe islandesa está no grupo D do mundial da Rússia, ao lado de Argentina, Croácia e Nigéria. A aguardada estreia da seleção acontece contra os argentinos, no dia 16 de junho. Na sequência, encaram os nigerianos no dia 22, e, por fim, podem decidir sua classificação para as oitavas frente aos croatas, no dia 26 de junho.

“Em relação às expectativas para a Copa do Mundo, a maioria dos islandeses está otimista e acredita que o time pode se classificar nesse grupo, que conta com times fortes. Nós já demonstramos que podemos competir com os melhores e vamos continuar tentando vencer todos os jogos que disputarmos”, conclui Ómar Smáráson.

TEXTO: THIAGO CASSIS
IMAGENS: KSI (ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL ISLANDESA)



ATLANTA DE VILLA CRESPO

O Clube Atlético Atlanta foi fundado em 1904, na cidade de Buenos Aires, e começou a disputar os campeonatos de futebol em 1906. Seu maior rival é o Chacaritas Juniors, que, apesar de carregar o nome do bairro vizinho de La Chacarita, também tinha sua sede em Villa Crespo, bairro do Atlanta.

Depois de uma longa andança atrás de uma sede fixa, o que valeu ao clube o apelido de “bohemios” por acordar cada dia em um lugar, o Atlanta acabou criando raízes em Villa Crespo. O bairro é conhecido por ser “o” ou “um dos” berços do tango, e por abrigar grande parte dos judeus que chegavam à Argentina, provenientes, principalmente, do leste europeu. Por isso também é chamado de “Villa Kreplaj”, em alusão ao prato da culinária asquenaze que se assemelha ao ravióli italiano.

No período amador do futebol argentino, que durou até 1930, o Atlanta disputou sempre a primeira divisão, chegando a ficar em quarto lugar em 1920. Já no profissionalismo, a equipe repetiu o quarto lugar em 1958 e 1961, porém não disputa a primeira divisão desde 1984. Em 1969, chegou ao vice-campeonato da Copa Argentina, sendo derrotado pelo Boca Juniors na final.

Após a queda de Perón, o clube passou a ser perseguido pelas autoridades por suas fortes ligações com o justicialismo. Em 1955, o Atlanta teve seu estádio fechado por más condições de manutenção, e segundo dirigentes e torcedores mais antigos do clube, outras equipes com condições semelhantes em suas canchas não sofreram a mesma punição.

O fato do clube estar sediado em um bairro de origem judaica também pode ter sido um dos motivos da perseguição. No mesmo período em que teve seu estádio interdito, foram distribuídos por Buenos Aires panfletos antisemitas por parte de grupos católicos nacionalistas de direita.

Depois da reforma, o estádio teve permissão para ser reaberto, mas o fechamento reacendeu um antigo sonho do Atlanta: ter um novo e maior estádio. Em 1956, animado pelo retorno à Primeira Divisão depois de quatro anos na segunda, o projeto do estádio é retomado. Em 1960, o novo estádio é inaugurado.

Um dos grandes responsáveis pela construção do novo estádio e da nova sede, León Kolbovsky, presidiu o clube durante os principais anos do Atlanta, no final dos anos 50 e durante a década de 60. O presidente, membro da colônia judaica de Villa Crespo, era também um famoso militante comunista da capital argentina.

Alguns dos grandes ídolos da equipe são o goleiro Néstor Errea, que defendeu a seleção ainda como atleta dos bohemios, o lateral direito Osvaldo Cortés, Timo Griguol, que atuava no meio, o ponta-direita Ernesto Mastrángelo, que estava no time que foi vice da Copa Argentina, além de muitos outros

JOGADORES QUE CHEGARAM A DEFENDER A SELEÇÃO.

Atualmente, a equipe está na Primeira B Metropolitana, algo como a Série C no Brasil. O estádio, hoje em dia, se chama Don León Kolbovsky, em homenagem ao lendário presidente do clube.

Andando pelas ruas de "Villa Kreplaj" é perceptível o quanto o bairro veste as cores do clube. O que se repete em outros bairros de Buenos Aires, como o Boedo, com o San Lorenzo, ou o Mataderos, com o Nueva Chicago. Para entender um pouco mais sobre a história do Atlanta, o livro "Los Bohemios de Villa Crespo", escrito por Raanan Rein, é uma ótima dica!

TEXTO: THIAGO CASSIS
FOTO: RICARDO CALABRO



NON-LEAGUE: O OUTRO FUTEBOL INGLÊS!



Um voluntário está escrevendo os nomes dos times em um quadro branco do lado de fora da sede do clube. Alguns torcedores da equipe visitante estão dando risada de alguns nomes escritos errados dos jogadores da sua equipe. Um deles corrige o erro com seu dedo. O som do estádio é operado também por um voluntário e torcedor, ou torcedora, do time local, que aproveita para tocar suas músicas favoritas. Torcedores passam constantemente pelas catracas, muitos pegando o programa da partida que está no caminho. Pessoas se cumprimentando, cervejas, tortas e batatas fritas são consumidas, e os dois lados da torcida ficam próximos, com um misto de estranheza, apreensão e uma relativa harmonia. Os jogadores correm em direção ao aquecimento, acenando com as cabeças, sorrindo e até parando para falar rapidamente com torcedores mais frequentes. São 2:45 de um sábado a tarde, e essa cena está sendo repetida por toda Inglaterra. Bem vindo ao "Non-League Football". A maioria dos nossos leitores são, provavelmente, familiarizados com a Premier League, o Championship* e as Leagues One e Two**. As quatro principais divisões inglesas são tradicionalmente as únicas ligas "profissionais" no país, consequentemente o nome Non-League é aplicado para as divisões inferiores a essas. O primeiro passo abaixo, no nível 5, é a National League - a divisão máxima da Non-League e a única divisão de caráter nacional nesse estágio do futebol inglês. Abaixo disso estão as National League

North and South (nível 6). O nível 7 conta com 3 divisões regionais: a Northern Premier, a Southern League e a Isthmian. No nível 8, essas três divisões tem outras duas divisões cada (três no caso da Isthmian), enquanto o nível 9 se divide em mais 14 regiões, e por aí vai. Mais de 500 divisões formam a estrutura do que é conhecido na Inglaterra como a "Pirâmide do Futebol". A extensa e profundamente enraizada natureza da "pirâmide" teoricamente permite a pequenos clubes, com torcedores que contabilizam menos de cem, a oportunidade de subir a escada até o topo da Premier League. Embora isso soe como um conto de fadas, uma escalada como essa pelo sistema de divisões é, cada vez mais, vista como indesejável pela maioria dos torcedores dos clubes non-league. Como qualquer conjunto de frequentadores de jogos de futebol, os torcedores dos "non-league" podem ser um grupo muito diverso. Contudo, nos últimos anos, os torcedores mais tradicionais desses clubes encontraram novas companhias nas arquibancadas, seja nas cadeiras, muitas vezes improvisadas, ou expostos atrás dos gols. Esse novo público é formado por descontentes com o mundo corporativo da Premier League, Championship e outras "divisões principais", muitos dos quais já não tem mais dinheiro para conseguir assistir aos jogos dos times que seguiram por todas suas vidas e agora estão se tornando frequentadores dos clubes non-league para terem sua dose semanal de futebol.



O que esses torcedores descobrem com o semi-profissionalismo, o mundo dependente de voluntários do futebol "non-league", são muitos aspectos que eles sentem que perderam: ingressos, comidas e bebidas acessíveis, a possibilidade de ficar em pé enquanto assistem a um jogo, de beber ou fumar nas arquibancadas, e, o mais importante, o senso de comunidade. Esse último ponto pode ser o mais crucial para a parte mais nova de torcedores dos clubes "non-league": um local onde podem ir todo sábado, assistir futebol, beber um pouco e relaxar, conversar e rir com pessoas que pensam da mesma forma, e tudo isso longe do glamour, das multidões e da confusão do futebol totalmente profissionalizado. Esses clubes são profundamente entrelaçados com suas comunidades locais: não são simplesmente lugares que você só visita com seus amigos, mas lugares que você pode ir sozinho e bem rápido estará indo aos jogos para ver seus novos conhecidos. O conceito de comunidade mudou nas últimas décadas, aparentemente, de forma irreversível. O aumento dos entretenimentos tecnológicos tende a manter as pessoas dentro de seus próprios universos, ao mesmo tempo em que há uma boa parcela da população que vive distante de seu lugar de origem e aquela que muda de casa sem nunca ter conhecido as pessoas ao seu redor. Muitos buscam satisfazer essa necessidade de socialização por meio das mídias sociais, com resultados duvidosos para suas próprias vidas. Um futebol genuinamente local, de clubes menores, pode preencher as lacunas nas vidas de seres humanos tão separados uns dos outros.



Nesse contexto, era de se imaginar que muitos torcedores dos clubes "non-league", principalmente os que acompanham equipes que vêm recebendo um grande fluxo de novos seguidores nos últimos anos, estão começando a se afirmar dentro de suas comunidades como uma influência positiva para mudar a forma de pensar dentro dessas mesmas comunidades. Existe uma famosa frase na Inglaterra, "mantenha a política fora do futebol". Mas, pegando o

Sudeste da Inglaterra como exemplo, percebemos que torcedores do Whitehawk, Clapton, Dulwich Hamlet e Eastbourne Town estão forjando uma forte identidade e, em diferentes graus, começam a mudar esse tradicional jeito de pensar. Na próxima edição, falaremos um pouco mais sobre esses 4 clubes...

* A segunda divisão inglesa

** Respectivamente, terceira e quarta divisões inglesas

TEXTO: SAM HARDWICKE
TORCEDOR DO WHITEHAWKS
E FREQUENTADOR DE
PARTIDAS DE FUTEBOL

FOTO: JJ WALLER



O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS

Brasil, 2006
Direção: Cao Hamburger

A Copa de 1970 está rolando quando Mauro se vê distante de seus pais, em razão de uma “viagem inesperada”. Um pequeno retrato do período da ditadura brasileira na visão de um garoto, imerso em seu universo de figurinhas e jogos de botão.



1958 - O ANO EM QUE O MUNDO DESCOBRIU O BRASIL

Brasil, 2008
Direção: José Carlos Asbeg

A trajetória da seleção de 1958, dos preparativos para o mundial até a conquista da taça sob a perspectiva dos jogadores, adversários, comissão técnica e jornalistas da época. Uma homenagem belíssima aos campeões.

O QUE ASSISTIR ENTRE UM JOGO E OUTRO DA COPA DO MUNDO!



CAMPO DE JOGO

Brasil, 2015
Direção: Eryk Rocha

O futebol de várzea retratado de uma maneira que você certamente nunca viu! Totalmente fora da caixinha dos documentários tradicionais, Eryk Rocha, filho de Glauber Rocha, mostra que sua veia cinéfila não é só uma questão genética.



HELENO

Brasil, 2012
Direção: José Henrique Fonseca

Heleno de Freitas foi um daqueles jogadores que provocaram sentimentos distintos nas pessoas. Ora interessante, ora um gênio soberbo, mas inegavelmente alguém que vale ser retratado em livro e cinema.

O ROUBO DA TAÇA

Brasil, 2016
Direção: Caíto Ortiz

Um pouco de humor para retratar o roubo da taça Jules Rimet de dentro dos cofres da CBF. O caso ocorreu em 1983, treze anos depois da conquista contra a Itália em 1970.



TEXTO: LU CASTRO
CURADORA E PRODUTORA DE
CULTURA FUTEBOLÍSTICA

CRUZEIRO 5 X 4 INTERNACIONAL LIBERTADORES DA AMÉRICA DE 1976

Um dos maiores jogos entre equipes brasileiras na Copa Libertadores da América aconteceu no ano de 1976, envolvendo o Internacional, atual campeão brasileiro na oportunidade, e o Cruzeiro, atual vice. Os dois times possuíam jogadores com muita qualidade coletiva e individual, tanto que eram apontadas como as principais equipes do Brasil na metade da década de 70.

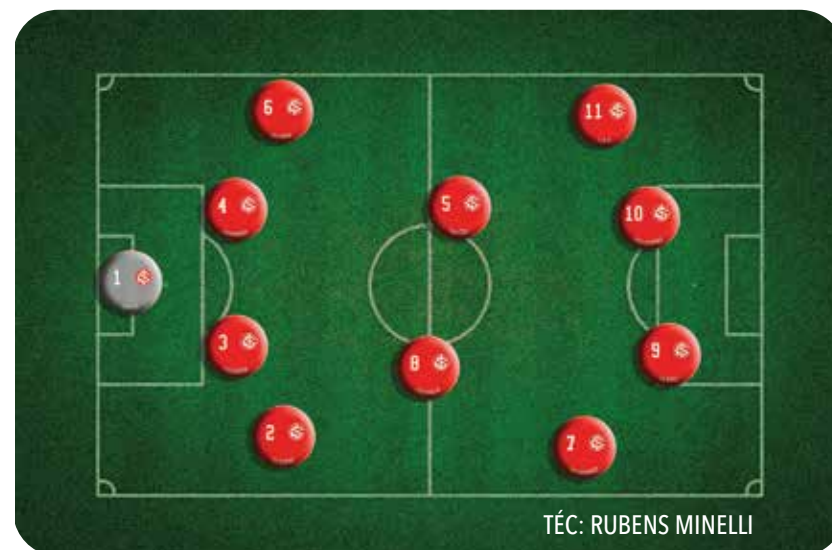
Mesmo com o fracasso na Copa de 1974, quando a seleção sofreu com algumas definições táticas equivocadas tomadas pelo técnico Zagallo, aquelas equipes demonstravam que no país considerado o melhor do mundo ainda existiam conceitos ofensivos e de um futebol vistoso.

Sob o comando de Rubens Minelli, o Internacional vivia o auge de sua história e possuía um plantel de altíssimo nível, com Falcão e Figueroa liderando a equipe colorada. O Cruzeiro, engasgado com o vice no Brasileiro de 1975, contava com jogadores qualificados e ainda repatriou o ponta-direita Jairzinho, ídolo do Botafogo e um dos principais jogadores do tri mundial em 1970, que estava no Olympique de Marseille, da França.

Na partida de abertura daquela edição da Libertadores, tanto Zezé Moreira, técnico do Cruzeiro, quanto Rubens Minelli, armaram os times no sistema 4-2-4, usado por Vicente Feola na Copa de 1958 e que inovou o mundo do futebol. Praticamente parelhos na distribuição tática, os times apostavam na capacidade individual de alguns jogadores para desequilibrar a partida.

As armas do Cruzeiro começavam na técnica inigualável de Raul Plassmann debaixo das traves e passavam por Nelinho, lateral que apoiava muito bem e contribuía no meio e nas alas quando o time atacava. Com isso, o volante Zé Carlos recompunha na marcação quando o lateral subia. O craque Jairzinho, escalado mais adiantado, como segundo atacante, dava opção a Roberto Batata* na ponta-direita. Goleador e sempre decisivo, Palhinha era o jogador mais adiantado, um legítimo camisa nove. E na ponta-esquerda tinha Joãozinho, jogador de muita versatilidade técnica e de habilidade única.

SISTEMA DE JOGO





FALCÃO

O Inter, atual campeão brasileiro, contava com os melhores recursos possíveis, tanto defensivos como ofensivos. A começar por Manga, goleiro consagrado, e pelo lendário zagueiro chileno Elias Figueroa. O dono do meio era ninguém menos que Falcão, jogador que fluuava e ocupava todo o círculo central, defendendo com classe e atacando com maestria. O volante Caçapava era seu fiel soldado, pois quando o time estava com a posse de bola, ele recompunha na marcação. Quando a equipe era atacada, o jogador marcava pressão e ajudava os defensores.

Os ponteiros eram Valdomiro e Lula. Os dois jogadores mais avançados, Escurinho e Flávio. Dois times extremamente ofensivos e disciplinados defensivamente proporcionaram um verdadeiro espetáculo aos mais de 65 mil torcedores presentes no estádio do Mineirão. Mesmo com dois gols na partida, Palhinha foi ofuscado por Joãozinho, que fez uma partida magistral, considerada por muitos a melhor de sua carreira. O ponta definitivamente desequilibrou o jogo, marcando gol, driblando e fazendo da vida de Elias Figueroa um verdadeiro inferno.

A partida terminou em 5 a 4 para o Cruzeiro, que depois consagrou-se campeão do torneio pela primeira vez, diante do River Plate, da Argentina. O antigo Palestra Itália de Minas tornou-se, dessa forma, o segundo time brasileiro a vencer a Libertadores depois do Santos de Pelé. Já o Inter conquistou o bicampeonato brasileiro na mesma temporada.

* O atacante Roberto Batata, jogador considerado titular do Cruzeiro, morreu em um acidente de carro, durante a campanha que culminou com o título daquela Libertadores de 1976.



JOÃOZINHO



ROBERTO BATATA

FICHA TÉCNICA

CRUZEIRO 5 x 4 INTERNACIONAL

07/03/1976
Libertadores - Mineirão
(Belo Horizonte, MG)

Público: 65.463
(Cr\$ 793.407,00)

Árbitro: Luis Pestarino (ARG)

Auxiliares:
Ramón Barreto (URU)
Juan Silvagno (CHI)

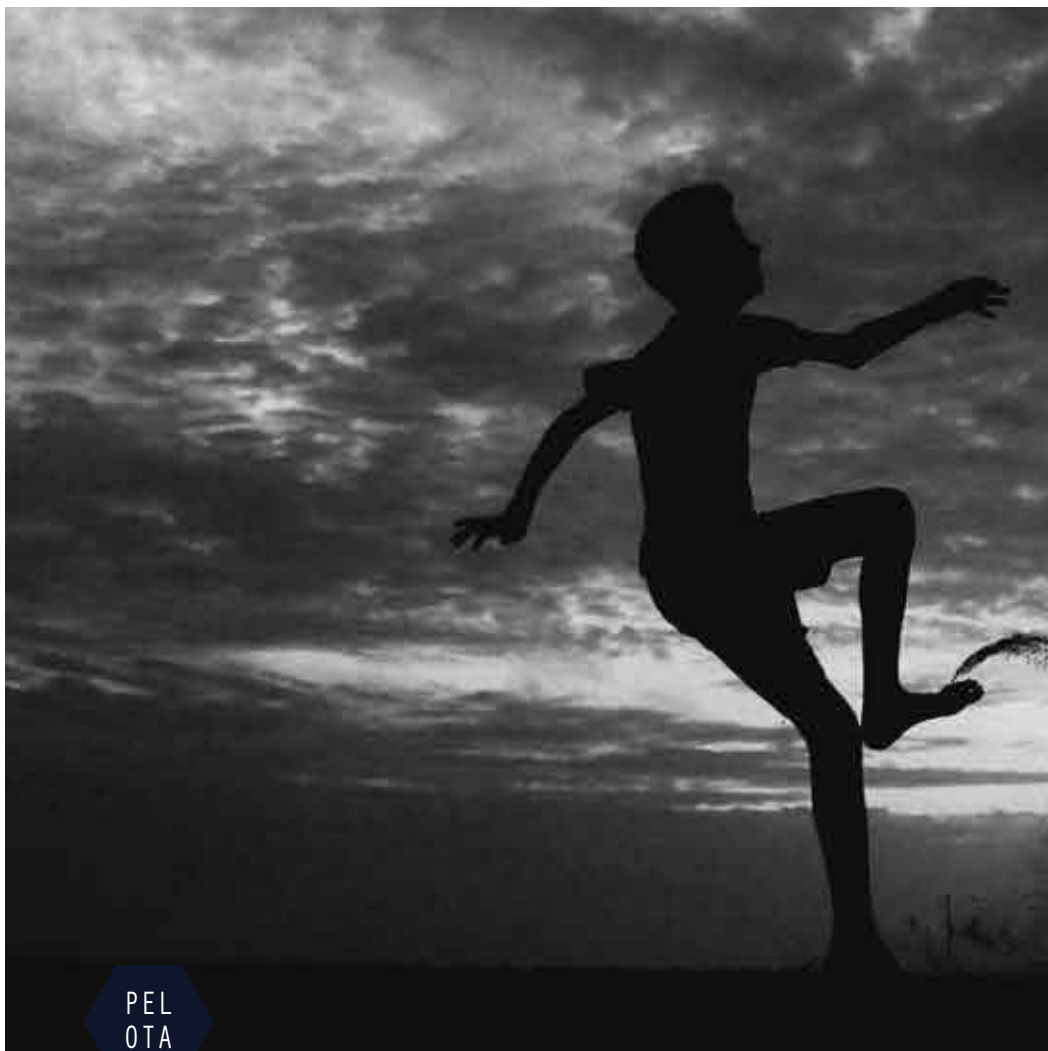
Gols:
CRUZEIRO
Palhinha (2)
Joãozinho (2)
Nelinho (pênalti)

INTERNACIONAL
Lula
Valdomiro
Zé Carlos (contra)
Ramon

Cruzeiro: Raul, Nelinho, Moraes, Darci, Vanderlei, Zé Carlos, Eduardo, Roberto Batata (Isidoro), Jairzinho, Palhinha, Joãozinho. T: Zezé Moreira

Internacional: Manga, Cláudio (Valdir), Figueroa, Hermínio, Vacaria, Falcão, Caçapava, Valdomiro, Escurinho, Flávio (Ramon), Lula. T: Rubens Minelli

SISTEMA DE JOGO: LUCAS IVOGLO CASTRO
CRIADOR E IDEALIZADOR DA
PÁGINA 'MAIS CINCO MINUTOS'
E DO DOCUMENTÁRIO 'VOLTAREMOS'



PEL
OTA

EXPEDIENTE

edição/idealização THIAGO CASSIS
direção de arte MARIANA CRISTAL HUI
finalização IARA VIDAL
revisão DIOGO SILVA
fotografia JJ WALLER
RICARDO CALABRO
colaboração BOTÕES CLÁSSICOS, KSI, LUCAS IVOGLO CASTRO,
LU CASTRO, MARIANA SERAFINI, MATHEUS
MARTINI, SAM HARDWICKE, WALTER CASSIS



COMO OBTER OU PATROCINAR A REVISTA PELOTA
revistapelota@gmail.com

NOVOS COLABORADORES

Novos colaboradores sempre cabem em nossa embarcação.
Então, se tiver uma ideia para as próximas edições, escreva
para gente e participe dessa viagem que apenas começou...

COMPARTILHE ESTA REVISTA COM ALGUÉM,
EMPRESTE PARA SUA AMIGA OU SEU AMIGO!



@REVISTAPELOTA